

**Revista *Vozes de Petrópolis* enquanto memória dos Franciscanos na educação brasileira:
por entre leituras e impressos escolares (1907-2003)**

**Magazine *Vozes de Petrópolis* as a memory of Franciscans in brazilian education: among
school readings and printed (1907-2003)**

**Revista *Vozes de Petrópolis* como memória de Franciscanos em la educación brasileña:
entre lecturas escolares e impresso (1907-2003)**

Recebido: 06/09/2020 | Revisado: 06/09/2020 | Aceito: 09/09/2020 | Publicado: 11/09/2020

Claudino Gilz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3463-272X>

FAE Centro Universitário, Brasil

E-mail: claudinogz@bol.com.br

Cleonice Aparecida de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6834-7703>

Universidade São Francisco, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil

E-mail: cleo_souza@uol.com.br

Resumo

Nesse artigo focalizamos a revista *Vozes de Petrópolis*, publicada entre 1907 e 2003, uma das fontes primárias da linha de pesquisa Rastros: patrimônio cultural franciscano e educação. Tem como objetivo analisar e disseminar o potencial de uma fonte primária, editada pelos Franciscanos, às pesquisas sobre a memória da presença desses religiosos na história da educação brasileira. No primeiro parágrafo do fascículo que inaugurou as publicações da revista *Vozes de Petrópolis* em julho de 1907 flagramos aspectos basilares da presente pesquisa. Aspectos basilares inerentes ao modo como a revista *Vozes de Petrópolis* foi por entre leituras e impressos escolares, um dos objetos de investigação a respeito da memória dos Franciscanos na educação brasileira. Com foco no impacto e na relevância, seja social, econômica, regional ou nacional, a pesquisa privilegia, por meio da revista *Vozes de Petrópolis*, as memórias dos Franciscanos na educação brasileira, assim como a proposta de uma leitura civilizadora e de cunho moral proposta ao público. Em face a isso, dialogamos com Thompson (1998) que propõe um método de produção do conhecimento histórico. Situamos também a revista *Vozes de Petrópolis* no esteio das contribuições histórico-sociais

de Benjamin (2012), da história da leitura com Chartier (1990 e 2002) e de Darnton (1992 e 2010), da presença dos Franciscanos na história da educação brasileira com Röwer (1947) e Sinzig (1910), entre outros. Os resultados atentam para algumas das estratégias editoriais encampadas pelos Franciscanos a contrapelo de produções literárias e escolares não alinhadas às prerrogativas da Igreja Católica do período.

Palavras-chave: História da educação brasileira; Impressos escolares; Franciscanos; *Vozes de Petrópolis*; Leitura.

Abstract

In this article we focus on the magazine *Vozes de Petrópolis*, published between 1907 and 2003, one of the primary sources of the research line Rastros: Franciscan cultural heritage and education. It aims to analyze and disseminate the potential of a primary source, edited by the Franciscans, to research on the memory of the presence of these religious brothers in the history of Brazilian education. In the first paragraph of the issue that inaugurated the publications of *Vozes de Petrópolis* magazine in July 1907, we highlight the basic aspects of this research. Basic aspects inherent to the way in which *Vozes de Petrópolis* magazine was read and read by schoolchildren, one of the objects of investigation regarding the memory of Franciscans in Brazilian education. With a focus on impact and relevance, be it social, economic, regional or national, the research privileges, through the magazine *Vozes de Petrópolis*, the memories of Franciscans in Brazilian education, as well as the proposal for a proposed civilizing and moral reading to the public. In view of this, we spoke with Thompson (1998) who proposes a method of producing historical knowledge. We also placed *Vozes de Petrópolis* magazine on the backing of Benjamin's (2012) historical-social contributions, the history of reading with Chartier (1990 and 2002) and Darnton (1992 and 2010), the presence of Franciscans in the history of Brazilian education with Röwer (1947) and Sinzig (1910), among others. The results focus on some of the editorial strategies adopted by the Franciscans in contrast to literary and school productions not aligned with the prerogatives of the Catholic Church of the period.

Keywords: History of brazilian education; School forms; Franciscans; Voices of Petrópolis; Reading

Resumen

En este artículo nos centramos en la revista *Vozes de Petrópolis*, publicada entre 1907 y 2003, una de las principales fuentes de la línea de investigación Rastros: patrimonio cultural

franciscano y educación. Tiene como objetivo analizar y difundir el potencial de una fuente primaria, editada por los franciscanos, para investigar la memoria de la presencia de estos religiosos en la historia de la educación brasileña. En el primer párrafo del número que inauguró las publicaciones de la revista *Vozes de Petrópolis* en julio de 1907, destacamos los aspectos básicos de esta investigación. Aspectos básicos inherentes a la manera en que los escolares leían y leían la revista *Vozes de Petrópolis*, uno de los objetos de investigación sobre la memoria de los franciscanos en la educación brasileña. Con un enfoque de impacto y relevancia, sea social, económica, regional o nacional, la investigación privilegia, a través de la revista *Vozes de Petrópolis*, la memoria de los franciscanos en la educación brasileña, así como la propuesta de una propuesta de lectura civilizadora y moral. para el público. Ante esto, hablamos con Thompson (1998) quien propone un método de producción de conocimiento histórico. También colocamos la revista *Vozes de Petrópolis* en el respaldo de los aportes histórico-sociales de Benjamin (2012), la historia de la lectura con Chartier (1990 y 2002) y Darnton (1992 y 2010), la presencia de los franciscanos en la historia de la educación brasileña con Röwer (1947) y Sinzig (1910), entre otros. Los resultados se centran en algunas de las estrategias editoriales adoptadas por los franciscanos en contraste con las producciones literarias y escolares no alineadas con las prerrogativas de la Iglesia católica de la época.

Palabras clave: Historia de la educación brasileña; Formularios escolares; Franciscanos; Revista *Vozes de Petrópolis*; Leyendo.

1. Introdução

Revista *Vozes de Petrópolis* enquanto memória dos Franciscanos na educação brasileira: por entre leituras e impressos escolares 1907-2003 é para nós, investigadores, mais do que um tema que delineamos para o presente artigo. É, por assim dizer, a circunscrição de uma investigação que nos têm interpelado sob diferentes maneiras e intensidades. Uma dessas interpelações oriundas da investigação desenvolvida diz respeito ao modo como tal periódico se apresenta enquanto memória da presença desses religiosos na educação brasileira durante quase um século em que foi editado e posto em circulação.

Não há, a princípio, uma única narrativa investigativa e nem histórica que se pode desenvolver em relação a tal objeto e patrimônio cultural franciscano. E, diga-se já, de início, nem vem a ser uma pretensão nossa enquanto investigadores arrogar-se a tanto. Alinhado ao escopo da linha de pesquisa *Rastros: patrimônio cultural franciscano e educação*, o objetivo

deste artigo é analisar e disseminar o potencial de uma fonte primária, no caso a revista *Vozes de Petrópolis*, às pesquisas sobre a memória da presença dos Franciscanos na história da educação brasileira. Pesquisas essas que nos possibilitam compreender o termo *patrimônio* enquanto escopo dos vestígios inerentes a um objeto sob investigação, cuja materialidade e/ou não materialidade se constitui a partir dos costumes, das alteridades, das múltiplas narrativas já editadas, das culturas institucionais, sociais, escolares, eclesiais, governamentais, entre outras.

Para Darnton (1992, p. 200), a apropriação investigativa de um periódico não pode ignorar que “[...] a leitura possui uma história.”. História que postula um olhar sobre as tratativas editoriais do objeto investigado.

Ao historiador francês Roger Chartier (1990, p. 33), o tirocínio metodológico do historiador pressupõe divisar os impressos, no caso, a revista *Vozes de Petrópolis*,

[...] não apenas como objeto de leitura, mas como um instrumento que desvenda a cultura da humanidade ao longo dos séculos. Sua atenção volta-se para a reação das sociedades diante das alternativas de acumular documentos ou destruí-los para não serem soterradas sob sua própria produção escrita.

Volta-se, de modo especial, a entrever nas convenções e nas modulações das práticas de leitura os contrastes que lhe são próprios. Contrastes tal como há de se aferir nos “[...] produtos historicamente diversos (livros e imagens, sermões e discursos, canções, romances-fotográficos ou programas de televisão).” (Chartier, 2002, p. 53).

Tal como exposto no primeiro parágrafo desta introdução, as investigações a respeito da revista *Vozes de Petrópolis* como objeto de pesquisa denotam a necessidade de outros artigos ainda a serem sistematizados e publicados. O que nos leva a fazer tal afirmação apoia-se no lastro de aspectos que, a partir da presente publicação, começou a se evidenciar e a nos interperlar, enquanto pesquisadores, a prosseguir com as buscas e análises, tais como: os critérios utilizados na seleção de notícias de âmbito local - no caso, da atuação dos Franciscanos em Petrópolis, nacional e internacional; critérios levados em conta pelos Franciscanos nas recomendações de livros, de romances, de textos poéticos e de excertos literários em cada um dos um dos fascículos da revista *Vozes de Petrópolis* publicados; menções a documentos papais, às tratativas da Igreja Católica no Brasil, às análises da conjuntura nacional e mundial, às resenhas de publicações científicas, aos comentários de determinados artigos de opinião publicados por revistas e jornais do Brasil, dentre outros aspectos.

2. Metodologia

A metodologia privilegiada é, neste sentido, de natureza histórica e qualitativa. Pressupõe, dentre algumas de suas tratativas, uma revisão de literatura e de análise documental com base numa opção de aportes teóricos (Benjamin, 2012; Leão XIII 1878; Chartier, 1990 e 2002; Darnton, 1992 e 2010; Röwer, 1947; Sinzig, 1910) no intuito de abordar e analisar o objeto de estudo privilegiado.

Nesse sentido e com foco no impacto e na relevância, seja social, econômica, regional ou nacional, a pesquisa privilegia, por meio da revista *Vozes de Petrópolis*, as memórias dos Franciscanos na educação brasileira, assim como a proposta de uma leitura civilizadora e de cunho moral ao público.

Em face a isso, dialogamos com Thompson (1998) que propõe um método de produção do conhecimento histórico, ou seja, a lógica histórica na qual a teoria é uma ferramenta exploratória do real e pressupõe um diálogo entre conceito e evidência do objeto da investigação.

Situamos também as fontes documentais da revista *Vozes de Petrópolis* no esteio das contribuições histórico-sociais de Benjamin (2012), da história da leitura com Chartier (1990 e 2002) e de Darnton (1992 e 2010), da presença dos Franciscanos na história da educação brasileira com Röwer (1947) e com Sinzig (1910), entre outros.

É importante pontuar que na escrita da história, De Certeau (1982) assinala o quão é fundamental sublinhar tanto a singularidade de cada análise como a abertura à pluralidade de procedimentos em vista do objetivo delineado à determinada pesquisa. As fontes documentais pesquisadas revelaram, nesse sentido, um conjunto de interesses dos Franciscanos em ampliar os locais educativos confessionais, assim como os cidadãos brasileiros escolarizados, principalmente, nas primeiras décadas do início do século XX. Interesses esses atravessados por tensões, disputas e conflitos oriundos dos processos que levaram à laicização da educação no Brasil propostos pelos republicanos.

3. Memórias dos Franciscanos na Educação Brasileira e impressos escolares

Há memórias da presença dos Franciscanos na história e na educação brasileira desde a chegada dos navegadores europeus por volta de 1500. Sim, expressivo número deles foram pioneiros anônimos em terras brasílicas não só como evangelizadores, mas também como

educadores. No entanto, quem são os Franciscanos que editaram e colocaram a revista *Vozes de Petrópolis* em circulação ao final da primeira década do século XX?

São os Franciscanos afiliados existencial, religiosa e juridicamente à Província da Imaculada Conceição do Brasil, cujo marco fundacional ocorreu há 345 anos atrás. Mais precisamente, tal Província foi erigida mediante a Bula *Pastoralis Officii* do Papa Clemente X no dia 15 de julho de 1675. Foi, do ponto de vista histórico, a segunda Província Franciscana que se constituiu no Brasil, sendo que a primeira havia sido a Província de Santo Antônio do Brasil, erigida em 24 de agosto de 1657. Tanto da Província de Santo Antônio como da Província da Imaculada Conceição, os Franciscanos ao Brasil chegaram provenientes de Portugal, terra onde haviam se estabelecido já por volta de 1217, passando a exercer ofícios de confessores, capelães, educadores, diplomatas, pregadores e juristas (Röwer, 1947).

A história dos Franciscanos propositores e editores da revista *Vozes de Petrópolis* foi, por assim dizer, precedida por ocorrências, ameaças, tensões, expropriações e revezes os mais diversos. Uma dessas ocorrências está inter-relacionada ao local que lhes foi, ao final do século XVI, dado para estadia por ocasião da chegada ao Rio de Janeiro. Registros históricos asseguram que

[...] os primeiros Franciscanos chegaram à cidade do Rio de Janeiro em 1592, durante o segundo governo de Salvador Corrêa de Sá. [...] Vieram antecedendo o grupo definitivo que aqui se instalaria, [...] nas faldas do morro do Castelo, logo abaixo do baluarte da Sé e foi garantida aos frades por escritura de doação, assinada pelo governador e oficiais da Câmara (Carvalho, 2011, p. 52).

Em 1607, o morro de Santo Antônio estava isolado do centro da cidade, circunscrito por lagoas usadas para banho dos índios e bebedouro de bois, por mangues, lavagens dos pelames, curtumes e esparsamente habitado. De acordo com Coaracy (1965, p. 108), tratava-se de uma área “[...] escusa, por onde não andava gente.”

Um dos maiores reveses sofrido pelos Franciscanos ocorreu em meados do século XIX, quando a instância governamental do Império impetrou campanha com o objetivo de extinguir a presença desses religiosos no Brasil e apossar-se das habitações e utensílios, utilizados por eles, no serviço pastoral e educacional junto ao povo.

Essa situação agravada com a Lei de Terras de 1850 que aboliu em definitivo o regime de sesmarias e, conseqüentemente, ‘rompeu com o monopólio imobiliário religioso’. O declínio atingia seu ápice quatro anos depois, com um decreto promulgado pelo ministro da Justiça, Nabuco de Araújo, proibindo a admissão de noviços em todas as ordens religiosas no Brasil. Com dívidas e necessitando muito de manutenção, o

convento sofreu um processo de esfacelamento do seu patrimônio e passou a ser utilizado também para serventia pública (Carvalho, 2011, p. 67).

Tal revés só viria a ser superado com o baqueamento do regime de governo imperial, final da penúltima década do século XIX. Entre ocorrências, tensões, expropriações e revezes, a história da atuação dos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição dispõe de registros que evidenciam o ininterrupto trabalho no campo educacional.

Um desses empreendimentos educacionais passou a ser desenvolvido a partir de 1896 na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, concomitantemente com as atividades pastorais-evangelizadoras junto à então igreja do Sagrado Coração de Jesus e arredores. Empreendimento este principiado no período em Petrópolis a pedido do internúncio papal no Brasil, João Batista Guidi. “A ata da fundação do convento dos Religiosos Franciscanos de Petrópolis tem a data de 07 de maio de 1896. Em menos de um ano, iniciaram uma escola paroquial.” (Prim, 1985, p. 1).

A mencionada escola paroquial dos Franciscanos foi registrada em 7 de janeiro de 1897 como Escola Gratuita São José, com duas turmas de alunos oriundos preponderantemente de famílias pobres de imigrantes alemães e de famílias de ex-escravos livres. Os primeiros professores dessas duas turmas de alunos foram Frei Diogo de Freitas e Frei Zeno Walbroehl. Ao final de 1897, a escola já contava com quatro turmas de alunos. Devido às necessidades que foram se avolumando com o aumento das matrículas, os Franciscanos não hesitaram em integrar no corpo docente da Escola Gratuita São José também professores leigos, tais como: José Beiler, Jorge Deister, Henrique Harre, Joaquim Deister, Laudolino dos Santos, Inácio Schmitt, Artur Velloso, entre outros (Vita franciscana, 1937; Sinzig, 1910).

Mesmo já nos inícios do século XX, nem mesmo os Franciscanos e professores leigos da Escola Gratuita São José escaparam ilesos de ameaças de depredação e de saques.

Não se encontram livros de matrícula, de atas ou relatórios dos anos anteriores à década de 40. Isto tem sua explicação. Após a guerra de 1914-18, realizaram-se em Petrópolis depredações e saques a casas de ‘alemães’, comandados por anarquistas. Os Frades que trabalhavam na Vozes e na Escola tinham suas razões para temer. Como durante muitos anos o ensino era ministrado também na língua alemã, a Escola podia ser alvo de ataques dos fanáticos. Por esta razão, algum Confrade que trabalhava na Escola fez desaparecer todos os livros que apresentassem nomes de professores e alunos que frequentavam uma Escola de ‘alemães’. Até hoje, não se sabe o paradeiro desses livros (Prim, 1985, p. 5).

A vinculação das atividades da Escola Gratuita São José com a impressão de obras didáticas, literárias e religiosas na tipografia desta mesma escola (hoje Editora Vozes) ocorreu desde o início, ou seja, desde 1901.

Os livros didáticos da época, vazados na mentalidade positivista do fim do século, não serviam aos ideais de apostolado por meio do ensino. Era necessário redigir novos livros, expurgados da mentalidade positivista, portadores de mensagem e mundivisão cristã. Foi este o motivo pelo qual Frei Ciríaco [...] se lançasse à procura de uma impressora e, uma vez adquirida, obtivesse do governo da Ordem a permissão para a montagem de uma tipografia destinada a imprimir os livros para a Escola Gratuita São José e, com os livros e outro material impresso que se vendesse, obter fundos para pagar os professores leigos dessa escola para os pobres. Devido a esta vinculação, nos primeiros anos de existência a Vozes foi chamada de Typografia da Escola Gratuita São José (Prim, 1985, p. 3).

A revista *Vozes de Petrópolis* foi, um desses ‘outros materiais impressos’ na então Tipografia da Escola Gratuita São José. Em se tratando desses ‘outros materiais impressos’, vale aqui também mencionar os quatro *Livros de Leitura*, as *Lições Práticas de Gramática e Ortografia* para escolas primárias, as *Noções de Estilística*, obras didáticas para o ensino da Aritmética, a *História Sagrada*, o *Catecismo da Doutrina Cristã*, o livro de orações *Maná*, o manual de cantos sacros *Cecília*, o *Cancioneiro* com modas brasileiras, entre outros.

Como se pode constatar, a presença dos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição na educação brasileira foi, dos inícios do século XVI até as primeiras décadas do século XX, marcada por ocorrências, ameaças, tensões, expropriações e revezes. Presença essa acompanhada, por sua vez, de iniciativas empreendedoras, cuja abrangência ultrapassou circunscrições geográficas onde atuaram, buscando atender no referido período à emergência da demanda de formação de cidadãos civilizados, saudáveis e escolarizados no Brasil.

A seguir, uma abordagem de como a revista *Vozes de Petrópolis* foi editada e posta em circulação com a intencionalidade de ser propositora e disseminadora de “[...] uma leitura civilizadora e moralizadora [...]” (Editorial, 1907, p. 1). Leitura, cujo significado do termo estava atrelada a *legere* (latim), ou seja, voltada a endossar a predisposição dos seus leitores a colher e a recolher de cada um de seus artigos as ideias neles tematizadas. Ideias essas, no caso da revista *Vozes de Petrópolis*, alinhadas às prerrogativas da Igreja Católica.

4. Leitura proposta ao público pela revista *Vozes Petrópolis*

Na folha de rosto do primeiro fascículo da revista *Vozes de Petrópolis*, consta informações tais como: *Vozes de Petrópolis*, revista mensal, religiosa, científica e literária dirigida pelos Franciscanos, 1.º de julho de 1907, Tipografia da Escola Gratuita São José, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Ao folhear e ler a introdução *Quo Vadis?*, constam outras informações a respeito dos motivos pelos quais a referida revista estava sendo editada e posta em circulação pelos Franciscanos:

Abalancando-nos à edição de uma *Revista mensal, religiosa, científica e literária* e, apresentando hoje, ao prezado público o primeiro fascículo *Vozes de Petrópolis*, parece ser escusado acompanhar semelhante empreendimento de uma introdução circunstanciada, visto que ela corresponde a uma necessidade, cuja satisfação era reclamada em rodas interessadas pelo desenvolvimento de tudo quanto há de mais belo e nobre. Com efeito, não nos faltam brilhantes diários de grande valor jornalístico, mas é, relativamente, exíguo o número de revistas que, entretanto, representam um papel não menos importante na vida religiosa e literária de um país. Foi esta uma das considerações principais que nos determinam a ceder às reiteradas solicitações de pessoas amigas, encetando a publicação de um periódico com o fim declarado de oferecer ao povo, por preço módico, uma leitura civilizadora e moralizadora, de artigos variados e de interesse geral. Metendo ombros a esta empresa, que esperamos merecerá a benévola aceitação dos espíritos bem intencionados, estamos intimamente convencidos de cumprir um imperioso dever religioso-social, que tanto mais se impõe quanto mais atrevida se torna, em nossos dias, a inundação de más leituras, que tão grande perigo constituem para a Igreja e o Estado (Editorial, 1907, p. 1).

O excerto anterior é, no entender nosso, mais do que uma introdução. Ele remete ao escopo que, segundo os Franciscanos, a *Vozes de Petrópolis* assume desde a data do seu lançamento: uma revista mensal, religiosa, científica e literária em prol da disseminação de *uma leitura civilizadora e moralizadora*, mediada pela oferta de artigos a respeito de assuntos os mais diversos e de interesse geral. Leitura civilizadora e moralizadora em que sentido?

Para esta investigação, pareceu-nos necessário analisar alguns aspectos históricos do processo de desenvolvimento da leitura, da educação do leitor e das dimensões morais de sua formação. Para Manguel (1999, p. 24),

Leitor voraz e ciumento, um grão-vizir da Pérsia carregava sua biblioteca quando viajava, acomodando-a em 400 camelos treinados para andar em ordem alfabética. Em 1536, a Lista de preços das prostitutas de Veneza anunciava uma profissional que se dizia amante da poesia e tinha sempre à mão algum livrete de Petrarca, Virgílio ou

Homero. Na segunda metade do século XIX, em Cuba, os operários de algumas fábricas de charuto pagavam um leitor, um leitor que se sentava junto às bancadas de trabalho e lia alto enquanto eles manuseavam o fumo. Lia por exemplo, romances didáticos, compêndios históricos e manuais de economia política. A ditadura de Pinochet banuiu o Don Quixote, identificando ali apelos à liberdade individual e ataques à autoridade instituída. Mesmo quando registra atos de barbarismo, sua história é uma celebração da alegria e da liberdade.

Consta-se, com base no referido pensador, que há várias formas de ler as imagens e os textos, independente dos suportes e tipos afins: pedras, papéis, desenhos, pinturas, fotografias, mídias digitais, narrativas da tradição oral e registros escritos. Formas de ler imagens e textos em que a cada leitor é dado como que decifrar signos e conversar com ausentes.

Ler não é só arma de cultura, é arma também de perversão. Assim, quando a literatura nociva se tornou, pelos seus preços, tão vulgar e acessível, impõe-se facilitar a todo transe a boa leitura, capaz de, contrapesando a outra, forrar o indivíduo e, por consequência, a massa popular à corrupção moral e social (Menegale, 1932, p. 16).

O processo de leitura pressupõe as etapas de decodificação, interpretação e compreensão. Nos distintos modos de ler, lemos ouvindo, fazemos leituras em voz alta e leitura silenciosa. Manguel (1999) afirma ainda que a leitura silenciosa se tornou mais usual a partir do século X. A norma desde os primórdios até parte da Idade Média em relação à palavra escrita era a leitura em voz alta. Escrevia-se para ser escutado. Vale levar em consideração o número reduzido de pessoas que em tal época sabiam ler. Em termos de leituras públicas, assegura o pensador que as mesmas eram comuns e de experiências variadas: na missa, as leituras em estalagens, nas cortes, nas fábricas cubanas etc. Todavia, na medida em que a leitura silenciosa foi se tornando norma, cresceu a sensação de ficar à vontade com as palavras. Ou seja, o sentimento de controle da intimidade e da ideia de que a leitura em voz alta distrai o pensamento.

Os artigos perfilados em cada um dos fascículos da revista *Vozes de Petrópolis* nos instigam a discutir a leitura de publicações e a formação de leitores como parte do processo civilizador. Deste modo refuta-se o entendimento da existência do leitor como condição *a priori* de ser civilizado. Sob tal ponto de vista, o sociólogo Norbert Elias afirma que

De fato, tudo o que não está representado simbolicamente no idioma de uma comunidade linguística não é conhecido por seus membros: não podem comunicar-se entre si sobre ele. Isto não somente não é aplicável a palavras isoladas como a frases inteiras, ao pensamento em geral [...]. Podemos dizer em geral que os membros de

uma sociedade não conhecem o que não tem representação simbólica no idioma dessa mesma sociedade (Elias, 1994, p. 35-36).

Manguel cita a afirmação de um professor de retórica do século XV sobre a função do ensino da leitura:

Pois quando um bom professor empreende a explicação de qualquer trecho, o objetivo é treinar seus pupilos a falar com eloquência e viver na virtude. Se surge uma frase obscura que não serve a nenhum destes fins, mas é facilmente explicável, então sou a favor de explicá-la. Se seu sentido não é imediatamente óbvio, não o considerarei negligente se não a explicar. Mas se ele insiste em desenterrar trivialidades que exigem muito tempo e esforço para serem explicadas, chamá-lo-ei simplesmente de pedante (Manguel, 1999, p. 97).

Vale realçar que a leitura pressupõe um processo de ensino e aprendizagem em âmbito escolar, individual e social.

Somente a aprendizagem da leitura, da escrita e da aritmética já demanda uma alta medida de regulação das pulsões e afetos; em sua forma mais elementar toma ao menos dois ou três anos da infância e, em geral, requer uma ocupação parcial em alguma instituição fora da família, sendo comum a escola (Elias, 1998, p. 436).

De acordo com Manguel (1999, p. 89), “Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar.”. Entretanto, na história da educação a aprendizagem acontecia pela memorização e pela palmatória, devido principalmente ao desconhecimento do processo cognitivo das crianças.

No Brasil, ao final do século XIX, há um significativo índice de analfabetismo, apesar do movimento de popularização da leitura. Houve, conseqüentemente nos anos iniciais da República, a reforma da escola, dos currículos e dos métodos. Desse modo a partir do século XX acontece a disseminação do ensino da leitura e da escrita. Neste contexto, a alfabetização esteve associada à educação do cidadão e formação de opinião.

Na Tipografia da Escola Gratuita São José, além dos aspectos técnicos que orientaram a produção, publicação e circulação da revista *Vozes de Petrópolis*, identifica-se a conexão com alguns acontecimentos que balizaram a trajetória da imprensa no Brasil e na América Latina durante as primeiras décadas do século XX: a criação do Centro da Boa Imprensa e da Liga da Boa Imprensa, a realização do Primeiro Congresso dos Jornalistas Católicos, a fundação do Centro Popular Católico Petropolitano e da Pia União de Santo Antônio (Sinzig,

1910). Em meio a tais acontecimentos, também enunciamos os esforços feitos no período pelos Franciscanos em vista da ampliação da distribuição de impressos periódicos católicos no território brasileiro.

5. Considerações Finais

A investigação desenvolvida teve como objetivo analisar e disseminar o potencial de uma fonte primária, editada pelos Franciscanos, às pesquisas sobre a memória da presença desses religiosos na história da educação brasileira. Fonte primária essa denominada revista *Vozes de Petrópolis*, considerada como Patrimônio Cultural Franciscano.

Os resultados atentam para algumas das estratégias editoriais encampadas pelos Franciscanos a contrapelo de produções literárias e escolares não alinhadas às prerrogativas da Igreja Católica do período. As recorrências de determinadas temáticas endossam tal constatação: ecos e ressonâncias dos documentos papais, devoções, movimentos católicos, ciência, conjuntura mundial, comentários e resenhas de artigos em jornais e revistas do Brasil, da Europa e da América do Norte; recomendações de livros, história do movimento franciscano, notícias locais (Petrópolis), nacionais e internacionais; capítulos de romances, literaturas, poesias, dentre outras seções.

Observamos que a trajetória da Tipografia da Escola Gratuita São José foi marcada por significativos embates com diferentes segmentos sociais que se opunham ao catolicismo na sociedade brasileira – anarquistas, maçons, liberais que defendiam o distanciamento do Estado da Igreja etc. – e a publicação de temáticas ligadas à família, maternidade e infância, presente também na revista *Vozes de Petrópolis*.

Por fim procuramos recontar uma história a partir de vestígios significativos que chegam ao presente particularizando em cada fascículo as tipologias documentais e uma questão teórica. A nossa pretensão não foi recuperar o passado tal como ele se deu mas oferecer uma interpretação que só será completada pela leitura do leitor do presente.

Nesse sentido reafirmamos alguns dos acenos, em termos de futuras investigações a respeito deste objeto de pesquisa, que já no último parágrafo da introdução deste artigo sinalizamos. Interpela-nos, por exemplo, a aferir ainda quais foram os ecos e ressonâncias dos documentos papais por meio da revista *Vozes de Petrópolis*. Interpela-nos também a apurar nos sucessivos fascículos desta revista publicados a partir de julho de 1907 a manutenção de determinadas seções de teor devocional, seções referentes a recomendações de livros, a história do movimento franciscanos, dentre outras seções.

Referências

Andrades, M. F. (Org.). (2001). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes.

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense.

Carvalho, A. M. F. M., Ribeiro, R. M. C., & Silva, C. A. T. (2011). O franciscanismo na cidade e sociedade do Rio de Janeiro. In A. M. F. M. Carvalho (Coord.), *Memória da arte franciscana na cidade do Rio de Janeiro: Convento e igreja de Santo Antônio, igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência*. 47-73. Rio de Janeiro: Artway/Artepadilla.

Chartier, R. (1990). *A história cultural: Entre práticas e representações*. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Chartier, R. (2002). *À beira da falésia: A história entre as incertezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.

Coaracy, V. (1965). *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Darnton, R. (1992). História da Leitura. In P. Burke (Org.). *A escrita da história: Novas perspectivas*. 199-236. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da UNESP.

Darnton, R. (2010). *A questão dos livros: Passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.

De Certeau, M. (1982). *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

Editorial (1907). *Quo vadis?* In *Vozes de Petrópolis*, Petrópolis, 1 (1), 1-2.

Elias, N. (1994). *Teoria del símbolo: Um ensayo de antropologia cultural*. Barcelona: Península.

Elias, N. (1998). *La civilización de los padres y otros ensayos*. Colômbia: Grupo Editorial Norma.

Franciscanos, Província da Imaculada Conceição do Brasil (1985). *Franciscanos na educação*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 212 p.

Leão XIII (2005). Carta Encíclica Inscrutabili Dei Consilio: Início do pontificado, 21 de abril de 1878. In *Documentos de Leão XIII 1878-1903*. 13-23, Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus.

Manguel, A. (1999). *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Menegale, J. G. (1932). *O que é e o que deve ser a biblioteca pública*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Prim, J. L. (1985). O Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis. In Província da Imaculada Conceição do Brasil. *Franciscanos na educação*. 1-26. Bragança Paulista: Universidade São Francisco.

Röwer, B. (1947). *A Ordem Franciscana no Brasil* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.

Sinzig, P. (1910). Die einzelnen Klöster der Provinz. In P. Sinzig. *Jahrbuch der südbrasilianischen franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis*, 43-52. Tradução de Frei Lauro Both. Petrópolis: Vozes de Petrópolis.

Thompson, E. P. (1998). *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras.

Vita Franciscana (1937). *Anregungen und nachrichten aus der Provinz der unbefleckten empfängnis in südbrasilien*. Petrópolis. (1) 50-56.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Claudino Gilz – 50%

Cleonice Aparecida de Souza – 50%